

19/Fevereiro/2015

INDICADORES ECONÔMICOS – AGENDA DO DIA

➤ Brasil:

- Sai o IPC: Índice de Preços ao Consumidor mede a variação de preços para o consumidor na cidade de São Paulo com base nos gastos de quem ganha de um a vinte salários mínimos (Vide notícia abaixo);
- Sai o IGP-M (divulgado pela FGV): índice de inflação calculado todo o mês e comumente utilizado para a correção de contratos de aluguel e tarifas de energia elétrica (Vide notícia abaixo);
- Sai o IPC-S (divulgado pela FGV): Índice de Preços ao Consumidor - Semanal (Vide notícia abaixo).

➤ Mundo:

- **Estados Unidos:** *Jobless Claims*: solicitações de benefício a desempregados nos EUA. *Leading Indicators*: índice composto de diversos indicadores, que busca traçar o rumo da economia norte-americana para os próximos 6 meses. *EIA Petroleum Status Report*: saldo semanal do estoque de barris de petróleo nos EUA;
- **Japão:** Sai o Índice geral de atividade industrial (Mensal) e o Relatório do Banco Central do Japão;
- **Suíça:** Sai a Balança comercial (exportações e importações);
- **França:** Sai o Índice de preços ao consumidor (IPC) (Mensal e Anual).

NOTÍCIAS RELEVANTES PARA O SETOR DE ENERGIA

✓ Usina de Angra 1 é desligada

Fonte: Valor econômico



A Eletronuclear, braço de geração de energia nuclear da estatal Eletrobras, desligou na madrugada a usina nuclear de Angra 1, de 640 megawatts (MW) de capacidade instalada, no Rio de Janeiro. Segundo as informações da companhia, a usina foi desligada manualmente para impedir a corrosão dos geradores de vapor, devido à alta concentração de sódio no condensador. Ainda não há informações sobre a previsão de retorno à operação da termelétrica. De acordo com o relatório do Operador Nacional do Sistema (ONS), a usina funcionou abaixo do previsto devido ao “rompimento no tubo do condensador de sua unidade geradora”.



✓ **Produção de alumínio e o fornecimento de energia no Brasil**

Fonte: Valor Econômico



ENERGIA ELÉTRICA

As empresas que ainda produzem alumínio primário no país, após os grandes cortes realizados nos últimos anos, dizem que a produção pode cair ainda mais em 2015 caso aconteçam interrupções no fornecimento de energia elétrica. Foram produzidas 970 mil toneladas de alumínio primário no ano passado, 26% menos do que em 2013, e o setor teme uma forte redução de sua atividade produtiva caso as empresas tenham problemas com o abastecimento energético. As preocupações da indústria serão levadas ao ministro de Minas e Energia, Eduardo Braga, em uma reunião marcada para o dia 9 de março. O setor de alumínio é eletrointensivo, mas produz atualmente uma quantidade de energia suficiente para suprir 65% de seu consumo. Isso significa que a autogeração pode suprir uma produção anual de aproximadamente 630 mil toneladas. Na prática, algumas companhias estão vendendo energia no mercado, como é caso da Alcoa e da Votorantim Metais, enquanto outras tem comprado o insumo. Juntas, todas as empresas que ainda produzem no país utilizam aproximadamente 14,5 TWh em suas fábricas. A autogeração dessas companhias soma 9,5 TWh, segundo levantamento da Abal. Antes dos cortes de produção de alumínio no país, que foram mais intensos nos últimos 2 anos, mas acontecem desde 2008, o setor garantia 40% da energia consumida. Neste ano, uma eventual restrição energética pode ser um fator acelerador do fim da indústria brasileira do alumínio primário. Desde 2008, o nível de produção já caiu 40%. A maior parte das linhas desativadas desde então não tem chance de ser retomada, afirmam fontes ligadas às empresas, que afirmam que a tendência é de continuidade da queda da produção. No início deste ano, a operação das fábricas já está mais fraca do que no fim do ano passado, quando vinham sendo produzidas 70 mil toneladas mensais. Caso o nível de janeiro seja mantido, a produção deste ano já será 14% inferior à de 2014, de aproximadamente 830 mil toneladas. A despesa com energia corresponde por cerca de 55% do custo da produção do alumínio primário no Brasil atualmente, segundo a Abal. O preço do metal, por sua vez, está estagnado há décadas. Com a queda da produção local, a importação de alumínio primário e ligas disparou no ano passado. Foram importadas 363 mil toneladas, 249% acima das 104 mil toneladas de 2013. Na etapa de transformação do metal em produtos, a situação atual acaba forçando um aumento da reciclagem. A energia gasta para reciclar o metal corresponde a apenas 5% do gasto energético para a produção do metal primário a partir da alumina.

✓ **Chuvas não afastam possibilidade de racionamento de energia**

Fonte: Brasil econômico



ENERGIA ELÉTRICA

A chuva de fevereiro, acima da média para o mês, trouxe certo alívio para a região Sudeste, favorecendo uma melhora modesta nos índices de reservatórios de São Paulo, Rio e Minas Gerais. Em São Paulo choveu 257 milímetros (mm) até o dia 17, superando a média climatológica do mês, de 199 mm, segundo a Somar Meteorologia. No Rio de Janeiro, as chuvas fortes durante todo o período de Carnaval também ajudaram na recuperação do Paraíba do Sul. Com isso, o reservatório do Sistema Cantareira operava ontem com 8,9% da sua capacidade, já considerando a segunda reserva técnica, volume equivalente ao verificado no início de dezembro. Já o Paraíba do Sul, que saiu do volume morto desde o final de janeiro, alcançou ontem 5,51% de sua capacidade. Mas as boas notícias acabam por aí, já que a previsão é que o tempo volte a ficar seco nos próximos 15 dias. Em 31 de março do ano passado, quando acabou o período úmido, o sistema Cantareira estava com 13% de sua capacidade — sem considerar o volume morto. No Rio de Janeiro, a situação não é muito diferente, assim como em Minas. Apesar da chuva que caiu quase todos os dias desta semana na capital carioca, ela tem prazo para terminar: o próximo fim de semana. E, só deve voltar no dia 27. Ainda assim, dificilmente terá a mesma quantidade de água que teve em fevereiro. A região Sudeste já está puxando energia do Sul e Norte — onde as chuvas também não têm sido frequentes. A ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, anunciou a liberação de R\$ 360 milhões — de um total de R\$ 930 milhões previstos para um plano de segurança hídrica até 2050, ainda em elaboração. O governo fluminense planeja obras de saneamento básico da Região Metropolitana, incluindo a Baixada Fluminense — região que sofre ora com torneiras secas, ora com enchentes — além do reflorestamento das margens dos rios Paraíba do Sul e Guandu.



✓ Rede Infraero investe em painéis solares para aeroportos

Fonte: Infraero



O Aeroporto de Jacarepaguá (RJ) é o primeiro da Rede Infraero a receber uma estação meteorológica de superfície com utilização de painel solar. Essa medida objetiva aperfeiçoar a captação das informações meteorológicas, ampliando o nível de segurança no processo de aproximação das aeronaves nos pousos e decolagens. O equipamento está instalado na Estação Prestadora de Serviços de Telecomunicações e de Tráfego Aéreo (EPTA) que funciona dentro do sítio aeroportuário. A próxima etapa é a homologação pelo Departamento de Controle do Espaço Aéreo (Decea). Além de Jacarepaguá, serão instaladas estações em outras 38 EPTAs em terminais da Infraero até o final deste ano. A implantação desses equipamentos, importados da Finlândia, atendem

às determinações do Decea e normas da Organização de Aviação Civil Internacional (Oaci). O investimento é da ordem de R\$ 20 milhões. O painel solar fornece a energia necessária para alimentar todos os equipamentos de medição, sensores meteorológicos, processamento e comunicação instalados na estação meteorológica do sítio secundário, que capta informações como nível de umidade relativa, direção e velocidade do vento. Os aeroportos já contam com uma estação principal, que registra, além desses dados meteorológicos do sítio secundário, informações como pressão atmosférica, altitude das nuvens em relação à cabeceira da pista e índice pluviométrico. Esses itens compõem o trabalho de monitoramento das condições meteorológicas na área do aeródromo executados por observadores. Essas estações abrigam serviços meteorológicos, de tráfego aéreo, de telecomunicações e informações aeronáuticas, além de disponibilizar uma rede de auxílios de navegações aérea. Além disso, os órgãos dispõem ainda da estrutura necessária para acionar os recursos de busca e salvamento, no caso de uma emergência aeronáutica. Entre as informações repassadas pelas EPTAs, estão dados da situação do tráfego aéreo no campo de atuação da estação, informações sobre as condições meteorológicas nos aeroportos de partida e destino das aeronaves, alteração das condições operacionais de um aeroporto devido ao tempo e também dados sobre a situação climática ao longo da rota, informações importantes para elaboração do plano de voo pelos pilotos das aeronaves.

✓ Operações do mercado regulado aumentaram 57% em 2014 sobre 2013

Fonte: CCEE



Os processamentos de operações do mercado regulado de energia promovidos pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE) representaram uma movimentação financeira de cerca de R\$ 33 bilhões ao longo do ano de 2014. O montante representa elevação de 57% em relação a 2013. Dentre essas operações, a principal, em giro financeiro, foi a apuração da receita de venda de termelétricas que fecharam contratos de comercialização de energia no ambiente regulado (CCEARs) na modalidade por disponibilidade. Em 2014, a receita de venda dessas usinas foi de R\$ 26 bilhões, dos quais R\$ 18 bilhões foram referentes à parcela variável, calculada mensalmente pela CCEE. Outros R\$ 2,9 bilhões devem-se aos contratos de energia de reserva, cuja geração

é liquidada pela CCEE no Mercado de Curto Prazo (MCP) e gera recursos para o pagamento da receita fixa das usinas contratadas nessa modalidade. A CCEE contabilizou e liquidou, ainda, R\$ 2,1 bilhões referentes à contratação de energia nuclear pelas distribuidoras junto às usinas de Angra e R\$ 2 bilhões do regime de contratação de cotas de garantia física, que abrange as hidrelétricas que renovam a concessão nos termos da Lei 12.783/13. A contabilização e liquidação financeira dessas formas de contratação de energia foram centralizadas na CCEE a partir de 2013. Por outro lado, o Mecanismo de Compensação de Sobras e Déficit (MSCD) pelo qual distribuidoras podem promover cessões de contratos entre si para ajustar o nível de contratação de energia - não teve processamentos em 2014 devido à não declaração de necessidade por parte das concessionárias. Relativamente ao mercado regulado ainda podemos citar os leilões de energia, nos quais os agentes de distribuição fecharam 6.341 MW médios em contratos, que representarão um giro de R\$ 171,1 bilhões ao longo de todo o período de fornecimento acertado nas licitações. A vigência, ao longo de 2014, de um Preço de Liquidação das Diferenças (PLD) médio de R\$ 688,88 por MWh gerou um excedente financeiro na Conta de Energia de



Reserva que possibilitou o repasse de R\$ 4 bilhões aos consumidores ao longo do ano. Os recursos foram disponibilizados como créditos para os agentes dos mercados regulado e livre. A energia de reserva é contratada em leilões regulados, mas liquidada no Mercado de Curto Prazo (MCP), pelo valor do PLD vigente. Quando o preço de venda das usinas contratadas nessa modalidade é maior que o PLD, é necessário o recolhimento de um encargo para custear essa geração. Mas, se o PLD fica acima do preço da energia de reserva, a operação gera superávit, que é acumulado em uma conta específica, administrada pela CCEE. Dado o cenário de 2014, a Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) aprovou em março daquele ano o uso de eventuais sobras em benefício dos consumidores.

✓ Equatorial registra lucro líquido sobe 121,6% em 2014

Fonte: Canal energia



A Equatorial Energia acumulou um lucro líquido de R\$ 638 milhões em 2014, segundo balanço publicado. A geração de caixa, medida pelo Ebitda, avançou de R\$ 586 milhões (2013) para R\$ 1,29 bilhão, aumentou de 121,6%. A receita operacional líquida de 2014 atingiu R\$ 6,77 bilhões, 73,7% maior que no ano anterior. O crescimento expressivo é reflexo do reconhecimento dos ativos regulatórios a partir do 4º trimestre do ano. Na comparação trimestral, a Equatorial registrou R\$ 526 milhões de lucro no 4º trimestre do ano passado, versus prejuízo de R\$62 milhões do mesmo período anterior. Já o Ebitda atingiu R\$ 777 milhões, versus R\$ 131 milhões no último trimestre do ano anterior. A receita atingiu R\$2,4 bilhões, aumento de 82,4% em relação a outubro a dezembro

anteriores (R\$ 1,6 bilhão). A dívida líquida da empresa soma R\$ 1,5 bilhão. A Equatorial controla as distribuidoras Cemar (MA) e Celpa (PA), além da geradora Geramar.

✓ Consumo de energia cai nos 10 primeiros dias de fevereiro

Fonte: DCI (Online) - Estadão Conteúdo



O fraco ritmo da economia brasileira e a expressiva elevação no preço da energia desde o ano passado já começam a se refletir nos indicadores do setor elétrico. Dados preliminares divulgados pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE) apontam queda de 6,1% no consumo de energia nos 10 primeiros dias de fevereiro, na comparação com o mesmo período do ano passado. A geração encolheu 6,2% na mesma base comparativa. A redução das temperaturas no período contribuiu para diminuir o consumo, que atingiu 61.147 MW médios no início do mês. O levantamento semanal, contudo, mostra também uma importante redução da demanda por energia no mercado livre, segmento no qual se encontram grandes consumidores de energia como as indústrias. O consumo no Ambiente de Contratação Livre (ACL) encolheu 5,9% contra 6,8% no Ambiente de Contratação Regulado (ACR), este atendido pelas distribuidoras. O segmento que apresentou maior queda foi a área de saneamento, com retração de 24,4% no consumo. Na ponta de geração, destaque para a retração de 10,5% na oferta das usinas hidrelétricas, consequência da falta de chuvas e do baixo nível dos reservatórios. O segmento respondeu por 73,5% da geração no período, uma queda de 3,5 pontos percentuais em relação aos 10 primeiros meses de fevereiro de 2014. A geração eólica, por outro lado, cresceu 119% e atingiu 1.822 MW médios. Com isso, a geração de energia a partir da força dos ventos representou 2,8% da oferta nacional no período. As unidades movidas à biomassa também se destacaram, com uma alta de 40% na mesma base comparativa.



✓ Ebtida da Tractebel não auditado cai em 2014

Fonte: Canal energia



A Tractebel Energia contabilizou um Ebtida em 2014 de R\$ 2,895 bilhões. O valor, ainda não auditado, representa uma queda de 4,8% em relação a 2013. A companhia decidiu publicar o Ebtida do ano após anunciar o adiamento para 30 de março da divulgação dos resultados referentes ao ano passado. A postergação, segundo a empresa, possibilita uma melhor avaliação do comportamento da hidrologia durante o período úmido e seus reflexos no setor elétrico brasileiro, o que permitirá a administração da companhia tomar uma decisão fundamentada quanto a distribuição de lucros do exercício 2014.

✓ Empresa importará ar condicionado movido a energia solar

Fonte: Energia Nordeste



A empresa LuxTerm Soluções Sustentáveis estuda trazer ainda esse ano para o país um ar condicionado movido a energia solar. O ar condicionado consome 50% a menos de energia e possui tubos de vidro a vácuo que captam a energia solar. É um sistema híbrido, ele é ligado a energia convencional, mas utiliza em parte a energia solar. A ideia é importar o produto a preço o mais acessível possível, visto que a tarifa para ar condicionado é mais alta do que para outros produtos elétricos. A expectativa da LuxTerm é que em 2 meses o ar condicionado já esteja sendo vendido aqui.

✓ Ministério do Planejamento publica portaria com boas práticas de consumo de energia em prédios públicos

Fonte: Canal energia



O Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão publicou a portaria 23/2015, que determina melhores práticas no consumo de energia e água nos prédios do governo federal. A portaria já havia sido anunciada pelo Ministro de Minas e Energia, Eduardo Braga, e faz parte do conjunto de medidas que serão adotadas pelo governo para enfrentar o baixíssimo nível dos reservatórios das hidrelétricas e a aparente possibilidade de racionamento. Dentre as boas práticas estipuladas na portaria, estão o desligamento de aparelhos de ar condicionado quando o ambiente estiver desocupado; o revezamento de elevadores quando não prejudicar a eficiência do serviço; a aquisição de máquinas em concordância com o Programa Brasileiro de Etiquetagem; limpeza de filtros de ar condicionado; uso de lâmpadas eficientes e a revisão periódica da rede elétrica, transformadores e quadros de distribuição. De acordo com a portaria, os órgãos e entidades deverão fornecer mensalmente informações a respeito do consumo de energia e água por meio do Sistema do Projeto Esplanada Sustentável. Eles terão 30 dias para fornecer as informações de consumo do ano de 2014 e de janeiro de 2015. A Secretaria de Orçamento Federal e a Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação estabelecerão os indicadores para o monitoramento do consumo de energia e água em até 60 dias. Os órgãos deverão ainda levar em consideração o Guia para Eficiência Energética nas Edificações Públicas divulgado pelo Ministério de Minas e Energia e o Manual Prático para Uso e Conservação de Água do Ministério do Meio Ambiente.



✓ Capacidade instalada de usinas eólicas cresce em 2014

Fonte: CCEE



A capacidade instalada das usinas eólicas em operação no Brasil teve um aumento de 126,7% em 2014, passando de 2.181 MW para 4.945 MW, segundo a Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE). O crescimento (2.764 MW) é explicado pela entrada ao longo do ano de usinas viabilizadas no 2º Leilão de Energia de Reserva (LER), realizado em 2009, no 2º Leilão de Fontes Alternativas (2010) e no 12º Leilão de Energia Nova (2011), além de parques com entrega no Ambiente de Contratação Livre (ACL) e do aumento na capacidade em operação comercial de empreendimentos existentes. O ano de 2014 terminou com 195 usinas eólicas em operação comercial, 105 a mais do que no ano anterior. Os números colocam o Brasil na 11ª posição entre os países com maior capacidade instalada no mundo, de acordo com dados do Conselho Global de Energia Eólica (GWEC, em inglês), pouco à frente de Portugal e Dinamarca. Quando observada a expansão anual, o país registrou a 4ª colocação entre os que mais colocaram megawatts eólicos em operação, com 2.764, atrás apenas de China, Alemanha e Estados Unidos. A geração das usinas eólicas brasileiras em dezembro de 2014 alcançou 1.908 MW médios, número 143,3% maior que no mesmo período do ano anterior, sendo que 62% desse montante foram produzidos por usinas viabilizadas em leilões de energia (1.166 MW médios), equivalentes a 3.077 MW em capacidade instalada. Outros 333 MW médios, ou 904 MW em capacidade, estão associados a empreendimentos que comercializaram no mercado livre de energia, enquanto 409 MW médios, ou 965 MW em capacidade, são de usinas construídas no âmbito do Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica (Proinfa). A geração total em 2014, por sua vez, registrou um crescimento de 84,1% em relação a 2013. Já o fator de capacidade médio das usinas brasileiras foi de 39% em dezembro, com destaque para a produtividade de parques no Piauí (73%) e Ceará (52%). Os fatores de capacidade apresentados no período adquirem especial relevância quando comparados com os valores médios verificados em 2013, nos países com maior capacidade eólica instalada, como Estados Unidos (32,1%), Espanha (26,9%), China (23,7%) e Alemanha (18,5%). A maior geração por Estado foi a do Rio Grande do Norte, com 60 usinas que registraram 633 MW médios. Em seguida aparecem o Ceará (621 MW médios, 41 usinas) e Bahia (328 MW médios, 33 usinas). Em capacidade instalada, o ranking também é liderado por Rio Grande do Norte (1.723 MW), com Ceará (1.201 MW), Bahia (842 MW), Rio Grande do Sul (715 MW) e Santa Catarina (222 MW) em destaque. O aumento da capacidade instalada em 2014 foi concentrado principalmente no Nordeste, que apresentou um crescimento de 174%, partindo de 1.451 MW e alcançando os 3.969 MW, provenientes de 156 usinas. O montante representa 80% da capacidade total de usinas eólicas do país.

✓ Preços do petróleo recuam em Nova York e Londres

Fonte: Setorial energy news



Os preços do petróleo têm uma manhã de recuo em Nova York e Londres nesta quinta-feira (19). Em Nova York, o barril abriu cotado a US\$ 50.51, registrando uma queda da ordem de 3.13% em relação ao fechamento desta quarta-feira (18). Em Londres, o barril abriu cotado a US\$ 59.56 hoje, também registrando um recuo de 1.60%, igualmente em relação ao fechamento de hoje.



✓ No setor elétrico, o número de fusões e aquisições aumentam em 2014

Fonte: Canal energia



O total de fusões e aquisições realizadas pelas companhias de energia em 2014 aumentou 69,6% se comparado com o ano anterior. Segundo levantamento realizado pela KPMG foram realizadas 56 operações contra 33 no acumulado de 2013. O levantamento indica também que entre as 56 fusões e aquisições concretizadas pelas companhias de energia ao longo do ano passado, 29 foram do tipo doméstica. O segmento está passando por um momento de consolidação por parte dos *players* que buscam reduzir os custos e aumentar a sinergia das operações, motivados pela redução de receita posterior à MP579/Lei 12783.

✓ Iberdrola divulga resultados financeiros de 2014

Fonte: Agência Brasil



A IBERDROLA informou que os resultados alcançados no período superaram as projeções divulgadas para as perspectivas de 2014 a 2016, impulsionado pelo bom resultado das unidades internacionais da companhia, o que inclui o Brasil, Reino Unido, Estados Unidos e México, compensando os efeitos negativos da Espanha. Segundo a empresa, o EBITDA alcançou 6,9 bilhões de euros, um aumento de 3,1% frente ao ano anterior, e 5,5% acima das projeções divulgadas. O resultado foi alcançado de forma global em todos os países e negócios do grupo; O lucro Líquido foi de 2,3 bilhões de euros, uma redução de 9,5%, impactado por medidas regulatórias na Espanha que afetaram os números de forma não recorrente, porém compensados pelo melhor desempenho internacional; Os investimentos somaram 2,8 bilhões de euros, e a Companhia reforçou seus interesses em manter os investimentos no Brasil, principalmente após a aprovação do aumento na taxa de remuneração regulatória; os gastos operacionais reduziram em 2%, decorrente dos esforços de todo o grupo em melhorar sua eficiência operacional. De acordo com a empresa estão mantidas as perspectivas de 2014-2016 para o ano de 2015, entre elas: Manter a rentabilidade de, no mínimo, € 0,27 por ação aos seus investidores; superação dos resultados de 2014 para o EBITDA e o Lucro Líquido de 2015 e redução do nível de endividamento da Companhia. As ações da Companhia também se refletem na maior contribuição fiscal, somando € 5,5 bilhões em 2014; Geração de 1.800 novos empregos, mantendo 350.000 funcionários em todo o mundo; Treinamento médio de 40 horas por funcionário.

✓ Potencial para geradores da Hyundai no Brasil

Fonte: Canal energia



A coreana Hyundai, que já atua no país na área automotiva e de construção civil, chega ao Brasil por meio da Emit, fabricante de soluções para construção civil e infraestrutura. As negociações aconteceram durante o ano de 2014 e foram finalizadas em setembro. O projeto prevê investimentos de R\$ 27 milhões nos próximos 36 meses. A Hyundai também vai vender no Brasil lavadoras elétricas de alta pressão, motobombas e compressores de ar. Os equipamentos que serão oferecidos no Brasil vão desde geradores menores de 2 kVA, até os de 120 kVA, que podem atender clientes que demandam um fluxo maior de energia. Os alvos são pequenos e médios estabelecimentos comerciais, como postos de gasolina, restaurantes e prédios. A intenção da Emit é a de atuar por meio de distribuidores homologados que vão repassar os produtos para os consumidores finais. A meta é em 3 anos atingir a receita de R\$ 3 milhões. A Emit tem revendedores em todo o território nacional e um centro de distribuição na cidade de Santa Parnaíba (SP). Os equipamentos serão importados da fábrica da Hyundai, na China, que é a base para essa divisão de produtos. A divisão *Power Products* está presente em 72 países do mundo, mas ainda não estava no país, considerado por ela o último grande mercado.

NOTÍCIAS SOBRE ECONOMIA GERAL

✓ Mercado revisa para cima a maior parte dos indicadores para este ano

Fonte: Bradesco economia

O mercado revisou para cima suas expectativas de inflação, taxa de câmbio e Selic para este ano, conforme apontado pelo Relatório Focus, com estimativas coletadas até o dia 13 de fevereiro. A mediana das expectativas para o IPCA de 2015 foi revisada para cima, de 7,15% para 7,27%, enquanto para 2016 manteve-se em 5,60%. As estimativas de crescimento do PIB para 2015 passaram de 0,00% para -0,42% e para 2016 mantiveram-se em 1,50%. A mediana das projeções para a taxa Selic no final de 2015 foi revista para cima, de 12,50% para 12,75%, e ficou estável em 11,50% para 2016. Por fim, as estimativas para a taxa de câmbio passaram de R\$/US\$ 2,80 para R\$/US\$ 2,90 no final de 2015 e subiram de R\$/US\$ 2,90 para R\$/US\$ 2,93 no final de 2016.

✓ Dólar opera em alta sobre o Real

Fonte: G1

O dólar opera em leve alta hoje, após a ata da última reunião do Banco Central dos EUA, o Federal Reserve, divulgada simultaneamente ao fechamento da véspera, tirar força das expectativas de que os juros norte-americanos comecem a subir já em junho. Nesta manhã a Grécia formalizou o pedido de extensão de seu programa de resgate, em meio a persistentes preocupações com o futuro de Atenas na zona do euro diante do impasse em torno de sua dívida. Às 9h42, o dólar subia 0,19%, a R\$ 2,8476. O Banco Central dá continuidade às intervenções diárias no mercado de câmbio nesta manhã, ofertando até 2 mil swaps cambiais, que equivalem a venda futura de dólar, com vencimentos em 1º de dezembro de 2015 e 1º de fevereiro de 2016. O BC faz ainda mais um leilão de rolagem dos *swaps* que vencem em 2 de março, que equivalem a US\$ 10,438 bilhões, com oferta de até 13 mil contratos. Até agora, já rolou cerca de 60% do lote total. Na quarta (18), moeda norte-americana fechou cotada a R\$ 2,8422, em alta de 0,38%.

✓ IPC apresenta alta na 2ª prévia de fevereiro

Fonte: FIPE

O Índice de Preços ao Consumidor (IPC), medido pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), na capital paulista, apresentou alta de 1,57%, na 2ª prévia de fevereiro. O resultado é inferior à 1ª prévia (1,78%). A taxa representa a média de preços dos produtos e serviços praticados no período de 16 de janeiro a 14 de fevereiro deste ano em comparação aos 30 dias imediatamente anteriores (de 16 de dezembro a 15 de janeiro). A pesquisa da Fipe é feita com base na variação de preços dos produtos consumidos pelas famílias com renda entre um e 10 salários mínimos. A maior pressão sobre o orçamento doméstico ocorreu em transportes, que apresentou aumento de 4,19%, o que significa redução na velocidade de alta já que, na pesquisa anterior, o índice tinha sido de 5,1%. A 2ª maior contribuição inflacionária veio do grupo habitação cujo índice subiu de 0,84% para 1,26%, o que mais influenciou a alta foi a tarifa de energia elétrica que ficou 7,26% mais cara. Já o grupo alimentação voltou a apresentar redução no ritmo de alta com reajuste médio de 0,89%, abaixo da elevação verificada na primeira prévia (1,18%). Em educação, ocorreu aumento de 3,9% o que mostra um arrefecimento dos preços em relação à pesquisa anterior quando o índice havia subido 5,72%. No grupo despesas pessoais também foi constatada redução na velocidade de correções com a taxa passando de 0,97% para 0,69%. O mesmo ocorreu em saúde com variação de 0,53%, menor do que no levantamento anterior (0,67%). O índice geral reflete ainda a queda mais intensa no grupo vestuário de 0,31%. No levantamento anterior, o grupo tinha apresentado recuo de 0,23%.



✓ **Inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Semanal atinge 1,27%**

Fonte: Correio Braziliense

O Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S), inflação calculada em 7 capitais do país, atingiu 1,27% na 2ª prévia de fevereiro, o que representa queda de 0,36 p.p sobre o resultado de 1,63% apurado no último levantamento. A taxa corresponde à média de preços coletados entre os dias 16 de janeiro e 15 de fevereiro. O IPC-S é uma das variações do IPC. Este mede a variação de preços de um conjunto fixo de bens e serviços componentes de despesas habituais de famílias com nível de renda situado entre 1 e 33 salários mínimos mensais. O IPC-S baseia-se em um sistema de coleta quadrissemanal, com encerramento em quatro datas pré-estabelecidas (07, 15, 22 e 31). Apesar de a coleta ser semanal, a apuração das taxas de variação leva em conta a média dos preços coletados nas quatro últimas semanas até a data de fechamento. A comparação foi feita em relação aos preços do período de 16 de dezembro a 15 de janeiro. O IPCS-S é calculado nas seguintes capitais: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Porto Alegre. Seis dos grupos pesquisados apresentam decréscimos, com destaque para educação, leitura e recreação que passou de alta de 3,51% para 1,46%. Os alimentos subiram em média 1,1% em comparação a 1,44% e essa redução no ritmo de correção de preços teve influência, principalmente, das hortaliças e legumes. Estas tiveram aumento de 6,93%, porém, com índice menor do que na apuração passada quando a alta havia atingido 10,36%. Em habitação, ocorreu elevação de 1,38% em comparação a 1,69% sob o efeito da tarifa de energia elétrica que alcançou 4,85%, taxa inferior à ao registrado na primeira prévia (7,12%). No grupo transportes, a taxa ficou em 2,56% comparada a 2,82%, com a redução do impacto do reajuste da tarifa de ônibus urbano, de 9,07% para 5,9%. Outros dois grupos que também indicaram altas menores do que na última pesquisa foram: despesas diversas (de 1,92% para 1,58%), e comunicação (de 0,43% para 0,36%). Já nos demais grupos foram constatados avanços. Em vestuário, o índice saiu de queda de 0,31% para um patamar de estabilidade e em saúde e cuidados pessoais, a taxa subiu de 0,3% para 0,33%. Os cinco itens que mais pressionaram a inflação foram: tarifa de ônibus urbano (5,9%); tarifa de eletricidade residencial (4,85%); refeições em bares e restaurantes (1,32%); gasolina (2,87%) e automóvel (1,93%). Já os que mais contribuíram para o decréscimo do IPC-S foram: passagem aérea (-21,62%); leite longa vida (-3,26%); show musical (-2,44%); perfume (-1,28%) e blusa feminina (-1,36%).

✓ **Índices de Confiança do Produtor Rural cresce pouco**

Fonte: Agrolink

Índices de Confiança do Produtor Rural e do Produtor de Soja crescem, mas continuam abaixo da média. Aumento, mesmo que tímido, gera uma boa perspectiva no cenário agrícola brasileiro; para produção do boletim, equipe do AgroFEA colheu opinião de 400 produtores rurais de 18 estados. O ano de 2015 começou com uma leve alta da confiança dos produtores rurais, que vinha registrando quedas um tanto quanto significativas desde abril do ano passado, segundo os resultados do ICPRural, elaborados pelo AgroFEA Ribeirão da USP. Apenas dois indicadores – equipamentos e insumos – sofreram alterações negativas. O ICPRural fechou a primeira rodada do ano de 2015 marcando 68,4 pontos, uma variação positiva de 14% em comparação com a pesquisa anterior, mas que ainda está longe de ser uma expectativa otimista. Quando alcança os 100 pontos, o índice revela otimismo dos produtores. Assim como o ICPRural, o Índice de Confiança do Produtor de Soja (ICPSoja) apresentou crescimento: fechou em 72,1 pontos, cerca de 19% superior ao trimestre passado. Os resultados foram positivos em todos os sub-índices, o que indica que a primeira colheita do ano tende a ser melhor para os sojicultores. Mas, assim como o ICPRural, o ICPSoja também segue abaixo dos 100 pontos e está distante do resultado considerado satisfatório. O aumento do ICPRural, mesmo que ainda tímido, gera uma boa perspectiva no cenário agrícola brasileiro. O custo dos insumos e o tempo seco em quase todas as regiões do País estão sendo os vilões dessa safra, pois diminuem a produtividade e a margem de lucro do agricultor. O valor do dólar no mercado é algo que mantém a esperança de bons resultados na venda, já que está bastante elevado comparado com as safras anteriores; porém, o câmbio alto tem impacto direto nos custos dos insumos e maquinários: segundo os entrevistados, a incerteza no setor ainda ronda. O sub-índice preço, que mede a expectativa dos produtores com relação ao valor de venda, foi o que mais cresceu no último trimestre. Com uma alta de 61%, atingiu 76,6 pontos. No caso do ICPSoja, o indicador de preço também foi o que mais subiu, mas continua sendo o pior em pontos, com 53,1. Isso é bastante preocupante e retrata a insatisfação dos produtores com a



desvalorização da cultura, devido à previsão de super safra de grãos nos Estados Unidos, crescimento dos estoques mundiais de grãos e crescimento pequeno no consumo global. O subíndice equipamentos teve o pior crescimento: apenas 8% em relação à rodada passada. Para a categoria insumos, o resultado foi muito satisfatório. Com um aumento de 9%, o índice de confiança voltou a ser positivo, ficando com 104,4 pontos. De modo geral, o Índice do sojicultor melhorou se comparado ao último resultado (outubro de 2014), mas está extremamente baixo quando comparado ao mesmo período do ano passado. A medição dos Índices, realizada desde 2010 e assumida pela AgroFEA em outubro 2013, é composta por subíndices que abordam quatro tópicos: intenção de compra de insumos, intenção de compra de equipamentos e implementos, avaliação sobre preço do produto cultivado e percepções sobre condições atuais do negócio. São apurados em entrevistas realizadas junto à uma amostras de produtores de soja, milho, cana, café, arroz, citros e algodão em 18 estados brasileiros. A coleta é realizada entre o primeiro e o último dia útil de cada trimestre. A metodologia foi desenvolvida pela empresa Uni.Business Estratégia. A divulgação conta com parceria do Canal Rural e tem apoio da Universidade de São Paulo por meio do programa Aprender com Cultura e Extensão.

✓ **IGP-M desacelera alta na 2ª prévia do mês**

Fonte: FGV

O Índice Geral de Preços - Mercado (IGP-M) subiu 0,16% na 2ª prévia de fevereiro, ante avanço de 0,55% na 2ª prévia de janeiro, informou a Fundação Getulio Vargas (FGV). O resultado ficou no piso das estimativas dos analistas do mercado financeiro ouvidos pelo AE-Projeções, que esperavam taxa entre 0,16% a 0,33%, com mediana das expectativas em 0,20%. Na primeira prévia deste mês, o índice havia subido 0,09%. A FGV informou ainda os resultados dos três indicadores que compõem a 2ª prévia do IGP-M de fevereiro. O IPA-M, que representa os preços no atacado, caiu 0,22% neste mês, em comparação com a alta de 0,37% na 2ª prévia de janeiro. O IPC-M, que corresponde à inflação no varejo, apresentou alta de 1,02% na leitura anunciada hoje, após subir 1,06% no mês passado. Já o INCC-M, que mensura o custo da construção, teve elevação de 0,61%, após registrar aumento de 0,46% na mesma base de comparação. O IGP-M é muito usado para reajuste no preço do aluguel. Até a 2ª prévia de fevereiro, o índice acumula aumentos de 0,93% no ano e de 3,75% em 12 meses. O período de coleta de preços para cálculo do índice mensal foi de 21 de janeiro a 10 de fevereiro.

✓ **Real é a 4ª moeda com maior desvalorização**

Fonte: Exame

Após certa acomodação em janeiro, o dólar mostrou forte aceleração em relação ao real nas duas primeiras semanas de fevereiro. O movimento foi tão intenso que o real passou a ser a 4ª moeda que, no acumulado de 2015, mais perdeu valor em comparação ao dólar, considerando um total de 47 moedas negociadas no mercado à vista de Forex (câmbio internacional). No fim de janeiro, a moeda brasileira era apenas a 23ª no *ranking* de perdas ante o dólar. Ontem, o dólar à vista negociado no balcão subiu 0,32%, aos R\$ 2,8440, no sétimo avanço dos últimos dez dias úteis. Nos últimos dias, o que mudou foi a percepção em relação ao Brasil. Em 30 de janeiro, o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, deu a largada no movimento mais intenso de valorização do dólar ante o real ao afirmar que não tem a intenção de manter o câmbio "artificialmente valorizado". Na visão de boa parte dos investidores, o comentário foi uma indicação de que o governo pretende deixar o câmbio livre e pode até acabar com o programa de leilões diários de *swap* (equivalentes à venda de dólares no mercado futuro) depois de março. As notícias que saíram nas duas primeiras semanas de fevereiro não foram favoráveis e elevaram o pessimismo em relação ao País. Do risco de racionamento de água e luz à desconfiança sobre a capacidade de o governo cumprir a meta para as contas públicas em 2015, tudo serviu de motivo para que os investidores buscassem a segurança do dólar. Além disso, houve uma deterioração do quadro político com a eleição de Eduardo Cunha (PMDB) para a presidência da Câmara dos Deputados, o que tende a dificultar a relação do governo com o Congresso.



✓ Alta da inadimplência é menor na região Sudeste comparado com o ano passado

Fonte: SPC Brasil

A Região Sudeste apresentou, em janeiro desse ano, um crescimento de 1,38% na quantidade de pessoas com dívidas em atraso, em relação a janeiro do ano passado. Apesar do aumento, o resultado representa o menor avanço registrado entre as cinco regiões pesquisadas. O dado é do Indicador Regional de Inadimplência do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil). De acordo com o indicador, o aumento no número de devedores foi mais expressivo na Região Centro-oeste (4,72%), seguida da Região Norte, onde a alta foi de 4,33%. Em seguida aparecem as regiões Nordeste (3,09%), Sul (3,0%) e Sudeste (1,38%), as únicas que registraram crescimentos abaixo da média do Brasil, que em janeiro foi de 3,12%. Assim como ocorreu nos meses anteriores, o Sudeste, em janeiro, concentrava a maior fatia de devedores no país (39,76%), seguido pela Região Nordeste, com participação de 26,23% no total de pessoas com dívidas em atraso. Em terceiro e quarto lugares aparecem o Sul (13,03%) e o Norte (8,95%). Por último, o Centro-Oeste, que concentra 7,90% dos consumidores negativados. Por outro lado, as regiões que mais contribuíram para alta nacional de 3,12% do indicador foram o Nordeste (0,81 ponto percentual) e o Sudeste (0,56 ponto percentual). Apesar de essas duas regiões apresentarem crescimentos abaixo da média Brasil, ao mesmo tempo respondem pelas duas maiores fatias do total de consumidores inadimplentes no Brasil. O número de dívidas em atraso cresceu em todas as cinco regiões pesquisadas. No país como um todo, a alta foi de 2,40%. A abertura dos dados por setor credor da economia mostra que o segmento de Comunicação (telefonia, internet, TV a cabo, entre outros serviços) lidera o crescimento no número de dívidas no Brasil. Em janeiro de 2014, a quantidade de dívidas com empresas do segmento cresceu 9,84% na média nacional, em relação a janeiro de 2014. A segunda maior variação ficou por conta das concessionárias de Água e Energia Elétrica (8,35%). Também merece destaque o setor de Comércio, com retração de 0,54%. De acordo com o indicador regional, Norte e Nordeste foram as regiões onde as dívidas do setor de Comunicação mais avançaram: 36,17% e 18,59%, respectivamente. Foi também no Nordeste que o setor de Comércio sofreu a maior retração no número de dívidas, de 3,50%. Já o setor de bancos concentra a maior parte das dívidas em todas as regiões do país, com exceção do Norte, onde o setor que mais agrega dívidas é o comércio. No Sudeste, o setor bancário abrange 56,85% das dívidas em atraso.

✓ Empresas buscam mais crédito em janeiro no Brasil

Fonte: Serasa

A procura das empresas por crédito cresceu em janeiro. A maior demanda no mês passado foi registrada tanto em comparação a dezembro (+12,3%) quanto a janeiro de 2014 (6,4%), de acordo com o Indicador Serasa Experian de Demanda das Empresas por Crédito. O Indicador Serasa Experian da Demanda das Empresas por Crédito é construído a partir de uma amostra de cerca de 1,2 milhão de CNPJ consultados mensalmente na base de dados da Serasa Experian. A maior disposição em financiar-se decorre do movimento típico de recomposição dos estoques depois das festas de fim de ano. Os economistas da Serasa Experian observam que o crescimento da demanda ocorreu mais intensamente nas micro e pequenas empresas do que nas médias e grandes. Essa situação, dizem os economistas, pode "significar que, diante da maior seletividade e rigor creditício junto às instituições financeiras, dado o atual quadro econômico mais adverso, as micro e pequenas empresas estejam buscando fontes alternativas de financiamento como o crédito mercantil, por exemplo". De acordo com o levantamento, as firmas de menor porte demandaram 13,1% mais crédito em janeiro do que em dezembro do ano passado. Nas médias empresas, o aumento da procura foi bem menor, crescendo apenas 1,9% no primeiro mês do ano. Já nas grandes empresas houve retração de 0,4% na demanda por crédito em janeiro em relação a dezembro. Segundo a Serasa Experian, todos os setores econômicos registraram elevação na demanda por crédito no primeiro mês do ano. A maior alta ocorreu na indústria, com crescimento de 15,5% em comparação a dezembro. No comércio, a elevação foi de 12,2%, e, no setor de serviços, o crescimento foi de 11,9% na mesma base de comparação. Os empresários da região Sul foram os que apresentaram maior demanda por crédito no mês passado, registrando uma alta de 13,8% em relação a dezembro. Em seguida, aparecem as regiões Sudeste (12,6%) e Nordeste (12,4%). No Centro-Oeste, o aumento foi de 10,5% e, no Norte, 8,8%.



✓ **Cesta básica do paulistano mais barata em janeiro**

Fonte: Procon/DIEESE

Com uma forte contribuição do grupo Higiene Pessoal, o preço médio da cesta básica paulistana recuou 0,46% ao longo de janeiro. Segundo a coleta de preços feitas pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) para o Procon-SP, o preço pago pela conjunto de 31 produtos básicos na capital paulista em 30 de dezembro de 2014, que era de R\$ 422,84, fechou em janeiro em R\$ 420,89. Ao longo dos últimos 12 meses encerrados em janeiro a cesta básica acumula alta de 11,23% em relação a idêntico período encerrado, em janeiro de 2014. Os grupos que mais contribuíram para o menor preço da cesta básica no mês passado foram, pela ordem, Higiene Pessoal, com queda de 0,97%, e Limpeza, com queda de 0,63%. A queda de preços no âmbito destes dois grupos chama a atenção por se tratar de produtos finais intensivos em matérias primas químicas cujos preços são cotados em Dólar. De dezembro para janeiro a moeda norte-americana subiu 1,13%, passando de R\$ 2,6550 para R\$ 2,6830. O grupo Alimentação também contribuiu para a queda da cesta básica paulistana em janeiro ao recuar 0,39%. Dos 31 produtos que compõem a cesta básica paulistana, 14 tiveram seus preços aumentados, 14 foram reduzidos e três ficaram com estavam em dezembro. Do lado das altas os destaques foram feijão cariquinho (16,47% o quilo), cebola (5,86% o quilo). Biscoito de maisena (3,87% o pacote de 200 gramas), linguiça fresca (3,55% o quilo) e sabonete (3,41% a unidade de 90-100 gramas). Os destaques de queda foram a farinha de mandioca torrada (11,11% o pacote de 500 gramas), papel higiênico (5,21% pacote com 4 unidades), leite em pó integral (3,37% embalagem de 400 - 500 gramas), alho (3,17% o quilo) e desodorante spray (2,90% a embalagem de 90-100 ml).

✓ **França registra deflação de 0,4% nos 12 meses encerrados em janeiro**

Fonte: Dow Jones Newswires

O índice de preços ao consumidor (CPI, em inglês) da França caiu 0,4% em janeiro deste ano ante igual mês do ano passado, segundo informou o governo francês. O resultado ficou levemente acima da previsão dos analistas consultados pela Dow Jones Newswires, de queda de 0,3%. Em relação a dezembro, houve deflação de 1,0%, enquanto o mercado esperava recuo menor, de 0,9%.

✓ **Brasil e EUA estabelecem prioridades das relações comerciais**

Fonte: MDIC

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro, estabeleceu com a sua contraparte norte-americana, a secretária de Comércio, Penny Pritzker, prioridades para estreitar as relações bilaterais visando resultados de curto e médio prazo. Os temas da agenda terão foco em facilitação de comércio, convergência regulatória, investimentos e inovação. Em 2014, as exportações brasileiras para os Estados Unidos tiveram aumento de 9,2%, em relação ao ano anterior (US\$ 27,144 bilhões). Cabe destacar que o mercado norte-americano se tornou o principal destino das vendas de produtos manufaturados no ano passado, com remessas de US\$ 15,065 bilhões, superando a Argentina. Os principais produtos vendidos pelo Brasil aos Estados Unidos foram em 2014: óleos brutos de petróleo (US\$ 3,407 bilhões), produtos semimanufaturados de ferro e aço (US\$ 2,205 bilhões), aviões (US\$ 1,930 bilhão), motores e turbinas para aviões e partes (US\$ 1,566 bilhão) e café em grão (US\$ 1,194 bilhão). No mesmo período, as importações brasileiras dos Estados Unidos somaram US\$ 35,298 bilhões, redução de 2,7% sobre 2013. Com isso, o saldo negativo brasileiro, de US\$ 8,153 bilhões, em 2014, diminuiu em relação a 2013 (US\$ 11,433 bilhões). Os principais produtos adquiridos pelo Brasil do mercado estadunidense, no ano passado, foram: óleos combustíveis (US\$ 3,837 bilhões), motores e turbinas para aviação e partes (US\$ 1,949 bilhões), medicamentos (US\$ 1,377 bilhão), gás propano liquefeito (US\$ 1,078 bilhão) e inseticidas (US\$ 946 milhões).

✓ Grécia solicita extensão de empréstimo à Zona do euro

Fonte: Reuters

A Grécia solicitou formalmente à zona do euro a prorrogação por 6 meses de seu acordo de empréstimo, oferecendo grandes concessões, num esforço para evitar a falta de dinheiro dentro de algumas semanas e vencer a resistência dos parceiros céticos liderados pela Alemanha. Com o programa de resgate da UE/FMI prestes a expirar, o governo do esquerdista primeiro-ministro Alexis Tsipras precisa urgentemente garantir a salvação financeira para manter o país à tona a partir de março. Os ministros das Finanças da zona do euro vão se reunir na sexta-feira à tarde, em Bruxelas, para avaliar o pedido. Isso fez aumentarem as esperanças de um acordo para evitar uma possível falência e a saída da Grécia do euro, moeda comum de 19 países. O Ministério das Finanças da Alemanha rejeitou já a nova proposta de Atenas, dizendo que não atende às condições definidas pelos parceiros da Grécia na zona do euro. A Grécia se comprometeu a manter o equilíbrio fiscal durante o período do acordo, promover reformas imediatas para combater a evasão fiscal e a corrupção, e adotar medidas para lidar com o que Atenas chama de "crise humanitária" e dar a arrancada no crescimento econômico. O mais significativo é que o governo grego aceita que a prorrogação seja monitorada pela Comissão Europeia, Banco Central Europeu e Fundo Monetário Internacional, um recuo de Tsipras, que prometeu acabar com a cooperação com a troika de inspetores, acusados de infligir profundo dano econômico e social à Grécia. O período de 6 meses seria usado para negociar um acordo de longo prazo para a recuperação e o crescimento, incorporando novas medidas de alívio da dívida prometidas pelo Eurogrupo em 2012. Os parceiros da zona do euro vêm dizendo até agora que a Grécia tem de cumprir com os termos do resgate atual, que exige um superávit primário de 3% este ano, antes do pagamento do serviço da dívida. Autoridades da zona do euro vão realizar uma teleconferência hoje para discutir o pedido grego. A linguagem escolhida poderia ajudar a satisfazer pelo menos algumas das preocupações que impediram um acordo nas duas últimas semanas, permitindo que o governo grego não tenha de dizer que está prorrogando o atual programa de resgate, ao qual se opõe, ao passo que os credores podem evitar aceitar um "contrato de empréstimo" sem incluir condições. Ainda precisam ser esclarecidos detalhes cruciais, como metas fiscais, reformas do mercado de trabalho, privatizações e outras medidas que deverão ser implementadas no âmbito do programa existente. A Alemanha, principal economia da União Europeia, e outros governos da zona do euro vêm insistindo que não está em negociação nenhum acordo de empréstimo sem as condições integrais do resgate. Tsipras foi eleito em janeiro com a promessa de abandonar as medidas de austeridade impostas pelos credores.

NOTÍCIAS SOBRE A INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS

✓ Starrett investe em fábrica no Brasil

Fonte: Usinagem Brasil

A Starrett investirá R\$ 20 milhões em sua fábrica brasileira, instalada em Itu (SP). Os recursos serão destinados à ampliação da linha de produção do aço bimetálico Unique, matéria-prima patenteada pela Starrett e utilizada na fabricação de serras. A unidade acaba de receber 9 containers com equipamentos para a nova linha de produção. Com a expansão, a expectativa da Starrett é de aumentar em 15% o faturamento em 2015. No ano passado, a empresa cresceu 8% em relação a 2013. O centro de pesquisas e desenvolvimento local tem previsão de investimento anual de R\$ 2 milhões em novos produtos e tecnologias. Os investimentos permitirão à empresa triplicar a capacidade de produção do aço bimetálico Unique, impulsionando a exportação de serras acabadas para a América Latina e para o mundo. Além disso, a fábrica fornecerá matéria-prima para outras fábricas de serras do grupo Starrett nos Estados Unidos, na Europa e na China. Para o consumidor, essa tecnologia significa maior qualidade e menor custo por corte, pois as serras fabricadas com este aço são praticamente inquebráveis, mesmo sob as mais diversas condições de corte.



✓ **Fábrica da Jeep em Goiana**

Fonte: **Jornal do comércio**

Está agendada para o dia 28 de abril a inauguração da fábrica da Jeep, em Goiana (Zona da Mata Norte de Pernambuco). Após a apresentação ao mercado nacional, o jipinho começa a chegar à rede de concessionárias da marca no País. Os veículos estão sendo montados em regime de CKD (com partes e componentes dos automóveis vindo de outras fábricas). Isso porque o parque de fornecedores - formado por 16 empresas - será responsável pela produção de 17 linhas estratégicas de componentes, que correspondem a 40% da demanda de conteúdo nacional da planta pernambucana. A previsão é que 80% das autopeças do veículo sejam nacionais, com perspectiva de avançar nesse percentual. Na fase pré-operacional, a montadora fabricou 250 protótipos do Renegade.

✓ **Faturamento do comércio paulista recua em novembro**

Fonte: **Agência IN**

O faturamento do comércio varejista paulista caiu 2,9% em novembro no comparativo anual, para R\$ 47,2 bilhões. Já na comparação com o mês imediatamente anterior, a receita do setor cresceu 0,5%, reflexo da sazonalidade das vendas no último bimestre de acordo com a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP) a partir de informações da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo (Sefaz). Com a baixa anual, o índice de queda acumulado em 2014 manteve-se em 2,6%. De acordo com a assessoria econômica da FecomercioSP, o resultado de novembro reforça estimativas mais pessimistas para o desempenho de 2014 em relação a 2013, apontando para uma retração de até 3% no faturamento varejista do Estado no ano. Entre os fatores que pressionaram a receita do comércio paulista está o mau momento do consumo, decorrente da deterioração de renda, emprego e crédito. Além disso, a inflação ainda em patamar desconfortável e com trajetória de aceleração contribuiu para esse cenário. A Federação estima que, diante desses elementos, é improvável uma retomada do crescimento das vendas varejistas no médio prazo, podendo 2015 ser marcado por um quadro de consumo ainda mais restritivo se comparado ao ano anterior. Pela segunda vez consecutiva no último trimestre, entre as 10 atividades pesquisadas, sete registraram queda nas vendas. As baixas mais expressivas, no comparativo anual, foram verificadas em lojas de móveis e decoração (-17,2%), concessionárias de veículos (-16%) e lojas de materiais de construção (-10,5%). Juntos, os três setores pressionaram negativamente o resultado do comércio em 3,6 pontos percentuais. Também se destacou a queda de 4,8% na receita das lojas de vestuário, tecidos e calçados. As vendas nos supermercados voltaram a cair em novembro (-2,0%) após movimento positivo em outubro, indicando trajetória instável para o fim do ano. Por outro lado, as contribuições positivas vieram das lojas de departamentos (9,0%), que tiveram o primeiro destaque favorável no ano, com a maior alta do setor em termos de crescimento, puxada, principalmente, pelas vendas da *Black Friday*. Também apresentaram avanço os faturamentos das farmácias e perfumarias (5,8%) e de outras atividades (5,7%). No desempenho por região, apenas 3 das 16 localidades pesquisadas apresentaram avanço nos faturamentos, na base anual: Osasco (11,8%), Sorocaba (2,1%) e Araraquara (0,4%). As outras 13 apresentaram quedas de vendas, sendo as maiores retrações na região do ABCD e da capital paulista, ambas de 7,9% em comparação a novembro do ano anterior.



MAIORES ALTAS E MAIORES BAIXAS NA BOVESPA*

Maiores altas da Bolsa ↑		
18/02/2015		
Desempenho da bolsa		
OI PN N1	9,64	R\$ 7,39 ↑
GAFISA ON NM	7,38	R\$ 2,18 ↑
QUALICORP ON NM	6,11	R\$ 24,81 ↑
ELETRONBRAS PNB N1**	4,74	R\$ 6,40 ↑
LIGHT S/A ON NM**	4,18	R\$ 14,69 ↑

Maiores baixas da Bolsa ↓		
18/02/2015		
Desempenho da bolsa		
BRASIL ON NM	-2,56	R\$ 23,97 ↓
EVEN ON NM	-2,41	R\$ 4,45 ↓
COPEL PNB N1**	-2,31	R\$ 32,53 ↓
ALL AMER LAT ON NM	-1,30	R\$ 5,31 ↓
BR MALLS PAR ON NM	-0,69	R\$ 15,69 ↓

* Referente ao fechamento do dia anterior.
Fonte: BMF & Bovespa/Elaboração própria.

TAXAS DE CÂMBIO

Câmbio			
Hoje (19/02/2015)			
		Compra	Venda
	Dólar (Ptax*)	↑	2,8539 / 2,8545
	Euro (Ptax*)	↑	3,2449 / 3,2464

*Ptax é a média das taxas de câmbio informadas pelos *dealers* durante 4 janelas do dia.
Fonte: BACEN/Elaboração própria.

ATIVIDADE ECONÔMICA, INFLAÇÃO E PRODUÇÃO

Atividade econômica, Inflação e Produção								
	Jan.15	Dez.14	Nov.14	Out.14	Set.14	Ago.14	Jul.14	Jun.14
IBC-Br (%)	0,04	0,40	0,20	1,47	-1,49	-0,40
Produção industrial Total (%)	-0,70	0,00	-0,20	0,60	0,70	-1,50
IPCA	1,24	0,78	0,51	0,42
INPC	1,48	0,62	0,53	0,38
IGP-DI	0,67	0,38	1,14	0,59
			2014 (*)	2013	2012	2011	2010	2009
PIB (%)			0,7	2,5	1,0	2,7	7,5	-0,3
PIB Agropecuária			1,1	7,3	-2,1	3,9	6,3	-3,1
PIB Indústria			-0,5	1,7	-0,8	1,6	10,4	-5,6
PIB Serviços			1,2	2,2	1,9	2,7	5,5	2,1

(*) 3º Trimestre de 2014, acumulado nos 12 meses.
Fonte: CNI/Bacen/IBGE/FGV

ÁREAS DE ATUAÇÃO DAIMON:

Regulação:

A Daimon atua fortemente na Regulação do setor energético brasileiro.

Através de Consultorias, Estudos e Pesquisa & Desenvolvimento, nossa equipe está totalmente capacitada e preparada para atender as demandas mais complexas deste mercado.

Software:

Desenvolvemos sistemas computacionais altamente especializados para o setor elétrico.

Nossas ferramentas são utilizadas pelas maiores empresas de distribuição do país nos segmentos de operação, proteção, perdas, tarifas, mercado, confiabilidade e muito mais.

Engenharia:

A Daimon tem destacada participação no programa de Pesquisa & Desenvolvimento do setor elétrico brasileiro.

A Empresa conta em seu corpo técnico com vários pesquisadores oriundos de conceituadas universidades brasileiras, em particular, da Escola Politécnica da USP, onde boa parte desenvolve ou já desenvolveu trabalhos acadêmicos de mestrado e doutorado com significativas contribuições teóricas.

Novos Negócios:

Eficiência e Gestão Energética, *smart grids*, são exemplos de projetos desenvolvidos pela equipe de novos negócios Daimon.

Atenta as novas demandas e em busca de melhorias contínuas a Daimon desenvolve novos negócios em linha com as necessidades do setor energético nacional.

DAIMON, ESPECIALISTAS EM ENERGIA.

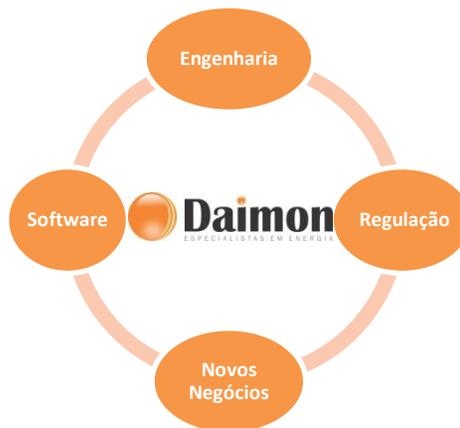
Av Paulista, 1.776 – Cj 22 – B – Bela Vista

CEP:01310-200 – São Paulo – Brasil

faleconosco@daimon.com.br

+55 11 3266-2929 / 3171-1728

www.daimon.com.br



A reprodução, inteira ou em parte, em qualquer forma ou meios, sem a expressa autorização por escrito da Daimon Engenharia e Sistemas não é permitida. Esta *newsletter* contém informações que são designadas somente aos seus destinatários. Conseqüentemente qualquer publicação, duplicação, distribuição ou qualquer ação tomada neste sentido é proibida e ilegal.